

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUMES XXXII-XXXIII-1993/94

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

A. M. DIAS DIAGO

Director do Gabinete Técnico do Teatro Romano (C. M. Lisboa).
Assistente Convidado da F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa.

LAURA TRINDADE

Arqueóloga do Gabinete Técnico do Teatro Romano (C. M. Lisboa)

**MATERIAIS PROVENIENTES DOS CHÕES DE ALPOMPÉ
(SANTARÉM)**

«Conimbriga» XXXII-XXXIII (1993-1994), p. 263-281

RESUMO: Os autores publicam ânforas pré-romanas e romanas republicanas provenientes de recolhas ocasionais efectuadas nos Chões de Alpompe (Santarém). Entre o material estudado encontram-se ânforas fenício-púnicas e massaliotas datáveis dos séculos VII ao IV a. C. A documentação arqueológica aqui estudada demonstra a importância do comércio entre os Chões e o Mediterrâneo em época pré-romana e atesta a atribuição dos Chões de Alpompe ao povoado pré-romano de *Moron*, efectuada por **BAIRRÃO OLEIRO** em 1953.

RÉSUMÉ: Les auteurs présentent des amphores préromaines et romaines républicaines trouvés à Chões de Alpompe (Santarém). Parmi le matériel étudié on trouve des amphores phéniciennes occidentales et massaliotes datées de la fin du VII^e siècle avant J.-C. jusqu'au IV^{ème} siècle avant J.-C. Ce matériel est corroboratif de l'attribution fait par **BAIRRÃO OLEIRO**, en 1953, de Chões de Alpompe à la ville préromaine de *Moron*.

(Página deixada propositadamente em branco)

MATERIAIS PROVENIENTES DOS CHÕES DE ALPOMPÉ (SANTARÉM)

Introdução

Cientificamente conhecido desde 1883, o sítio arqueológico dos Chões de Alpompé é já detentor de uma vasta bibliografia (DIOGO, 1993), fundamentalmente centrada na controvérsia da sua identificação com *Moron*, povoado pré-romano referenciado por Estrabão (*Geografia*, III, 3, 1).

A mais fidedigna tradução portuguesa da referência de Estrabão é devida a José Ribeiro Ferreira (publicada em KALB e HÖCK, 1988, p. 190) e que aqui transcrevemos:

«Esta ilha situa-se junto da cidade de Móron, que se ergue num monte próximo do rio, a 500 estádios de distância do mar no máximo, e está rodeada por uma região fértil.

A navegação até aí é fácil, mesmo a barcos de grande porte numa boa parte do seu trajecto e, no resto, por embarcações de rio. Para cima de Móron a navegação é ainda mais longa.

Brutus, denominado o Galaico, utilizou esta cidade como a base de operações, quando entrou em guerra contra os Lusitanos e os submeteu. Em seguida amuralhou Lisboa, nas margens do rio, para ter livres a navegação e o acesso de víveres. Estas cidades são também as maiores que se encontram junto ao Tejo».

A descrição de Estrabão é totalmente compatível com as características geomorfológicas dos Chões, prendendo-se a controvérsia da sua identificação com Móron, fundamentalmente na alegada falta de documentos arqueológicos significativos de uma importante ocupação pré-romana.

Deve-se a Bairrão Oleiro a identificação dos Chões de Alpompe com a cidade de Móron (GIRÃO e OLEIRO, 1953, OLEIRO, 1955). De uma forma naturalmente cuidadosa mas clara, este investigador escrevia em 1953 (GIRÃO e OLEIRO, 1953, p. 79 e 80): «A estação arqueológica dos *Chões de Alpompe* é a menos conhecida de todas, mas aparece como das mais prometedoras. (...) Não deixa de ser curioso de notar que o acampamento dos Chões está situado sobre uma posição elevada (95 metros) próxima do Tejo, rodeada de campos férteis e com óptimas condições estratégicas. Entre o Alviela e o Tejo estende-se uma larga porção de terreno cujas dimensões correspondem sensivelmente às que Estrabão indica para a ilha fronteira a *Moron*.

Tudo isto, aliado à circunstância de termos encontrado cerâmica campaniense de tipo A nos Chões, nos faz crer que talvez haja vantagem em retomar o problema da localização de Moron, e a prosseguir com entusiasmo o estudo desta estação que tanto interesse pode vir a ter para o conhecimento das primeiras etapas da romanização».

Em concordância com a extensão da área do povoado, cerca de 20 hectares, a documentação arqueológica romana já publicada é muito importante, caracterizando-se pela sua antiguidade (DIOGO, 1982 e 1993, DIOGO e FARIA, 1985, FABIÃO, 1989). O material que aqui estudamos pretende contribuir para atestar a importância do povoado que, pelas suas características geomorfológicas, extensão e documentação arqueológica, não poderá deixar de corresponder à Móron estraboniana. Foi recuperado por vários colectores, em recolhas superficiais não sistemáticas, efectuadas entre os finais da década de sessenta (ZBYSEWSKI, FERREIRA e SANTOS, 1968) e 1989, tendo sido na sua maioria recolhido por João Catarino nas vastas violações que os Chões sofreram em 1988 e 1989, provocadas por trabalhos agrícolas e pela extração de saibro. Todos os materiais aqui publicados, incluindo os recolhidos em 1967, por Zbyszewski, Ferreira e Santos (publicados em FABIÃO, 1989, p. 98-107), têm vindo a ser por nós depositados no Museu Municipal de Santarém.

Localização

Os Chões de Alpompe estão situados na freguesia de S. Vicente do Paul, concelho de Santarém, a cerca de 1 km da margem direita do rio Tejo e a 13 kms para montante da Ribeira de Santarém. São um

vasto planalto de cerca de 20 hectares de área, muito rendilhado pela erosão das águas pluviais e constituído por vários terraços fluviais pliocénicos e modernos (coordenadas: lat. 39° 19" 30" N., long. 8° 36" W. de Green which).

Os Chões têm uma excelente posição estratégica, dominando a paisagem circundante dos seus cerca de 96 m de altitude. A base do planalto é alagadiça, sujeita a inundações e circundada por linhas de água a desaguardem no AI viela, afluente do Tejo que rodeia os Chões a Norte e a Leste.

Análise dos materiais

Naturalmente que o modo como os materiais que aqui estudamos foram recolhidos, de forma ocasional e fora de qualquer contexto arqueológico, apenas nos permite estabelecer-lhes cronologias a partir da sua integração tipológica e por paralelização formal e tecnológica com exemplares provenientes de contextos datados.

Os fragmentos n.ºs 1 a 16 e 18 pertencem a ânforas fenício-púnicas de bordo espessado, datáveis dos séculos VII ao IV. O n.º 14 tem paralelos próximos no Cerro Macareno, Macalón, Cerro Salomón e Cerro del Prado, datáveis dos finais do século VII a.C. (PELLICER CATALÁN, 1978, p. 371-372, n.º 800). O n.º 10 tem um paralelo no Cerro Macareno, no nível 14, datado dos finais do século V a.C. (PELLICER CATALÁN, 1978, p. 378-379, n.º 1354). O n.º 16 tem também um paralelo muito próximo no Cerro Macareno (PELLICER CATALÁN, 1978, p. 378-379, n.º 1269 d), no nível 15, do terceiro quarto do século V a.C. A forma de bordo n.º 18, com um bisel côncavo interno, surge no Cerro Macareno (PELLICER CATALÁN, 1978, p. 373 e 376, n.º 1072), no nível 18, de finais do século VI a.C.

Os fragmentos de bordo n.ºs 17, 19, 20 e 29, assim como os fundos n.ºs 33 e 34 pertencem a ânforas ibero-púnicas, datáveis de entre a segunda metade do século V a.C. e a romanização.

Os n.ºs 17, 19 e 20 classificam-se dentro das ânforas de tipo Pellicer Catalán E, de tendência cilíndrica ou troncoconica, com a boca larga e o bordo grosso e vertical. Têm uma cronologia compreendida entre a segunda metade do século V a.C. e a romanização. O fragmento de bordo n.º 29 pertence a uma ânfora de tipo Pellicer Catalán B-C 3, datável do século IV à romanização. Os fundos n.ºs 33 e 34, muito

curtos, salientes, carenados e convexos, têm paralelos exactos no Cerro Macareno, tendo surgido em níveis datados da segunda metade do século III a.C. (PELLICER CATALÁN, 1978, p. 395-397, fig. 12).

Os fragmentos n.ºs 21 e 30 a 32 pertencem a ânforas vinárias massaliotas. A n.º 21 integra-se no tipo Bertucchi 5, com uma cronologia compreendida entre 300 e 125 a.C. O fragmento n.º 30, proveniente das recolhas de Zbyszewski, Ferreira e Santos, foi cautelosamente publicado por C. Fabião que a considerou de classificação difícil, apresentando algumas afinidades com a sua «classe 67», mas não excluindo a hipótese de pertencer a uma produção meridional da Península Itálica, de Ibiza ou norte-africana (FABIÃO, 1989, p. 99, fig. 12, n.º 5). No nosso entender, o presente fragmento integra-se, tanto pela sua forma, como pela sua pasta, no tipo Bertucchi 1 das produções massaliotas, datável de 550 a 475 a.C. (BATS, 1990).

O n.º 31 pertence a uma ânfora «jónico-massaliota», um tipo de ânfora que se encontra entre os mais comuns na Etrúria meridional durante a segunda metade do século VI a.C. (SLASKA, 1990, p. 229). O fundo n.º 32 integra-se nas produções massaliotas, pela sua forma e pela pasta; tinha já sido publicado por Fabião, que o enquadrava vagamente “numa das variantes da forma Baldacci I” das produções sud-italicas (FABIÃO, 1989, p. 107, fig. 14, n.º 4).

Os fragmentos n.ºs 22 a 28 pertencem a ânforas de tipo Maña C la. De proveniência norte-africana, têm pastas muito características. O primeiro conjunto, englobando os bordos 22, 24, 25 e 28, têm uma pasta dura, muito fina, compacta e sonora, de tonalidades avermelhadas, correspondendo a uma das duas variedades de pastas conhecidas nestas ânforas. A segunda variedade de pastas é reconhecível nos fragmentos 23, 26 e 27: dura, muito porosa, de textura folheada, com abundantes calcites e de tonalidades rosadas, pastas que se afastam da dos exemplares da ilha de See apenas por não apresentarem as manchas características do depósito em água salgada. A sua cronologia é actualmente colocada entre 350/325 a.C. e 275/250 a.C. (GUERRERO AYUSO, 1986, p. 149-156). Destes bordos, os n.ºs 22, 23 e 26 a 28 trouxeram-nos problemas de classificação. São bordos curtos, de fita côncava e saliente, por vezes pendente, com um perfil próximo do dos bordos das ânforas de tipo Beltrán I, que têm o seu início de produção datado nos finais do século I a.C. No entanto, a sua pasta afasta-os claramente das produções béticas e permite uma atribuição norte-africana. Fica a hipótese de estarmos em presença de um tipo ainda pouco conhecido de

ânfora, questão em aberto, dado que, nem o tamanho destes fragmentos, nem a forma como foram recolhidos, nos fornecem informação suficiente para outras ilações.

Os n.ºs 35 a 41, 44, 45 e 53 a 57 pertencem a ânforas de tipo Maña C 2a, o contentor cartaginês por excelência do período compreendido entre 175 e 125 a.C. Entre os produtos que envasou encontram-se os piscícolas, ou o vinho, dado que são conhecidos vários exemplares deste tipo conservando vestígios de revestimento de resina (GUERRERO AYUSO, 1986, p. 167-168).

Os n.ºs 42, 43 e 46 a 51 pertencem a ânforas de tipo Maña C 2b. Com uma cronologia compreendida entre 125 e 50/30 a.C. (GUERRERO AYUSO, 1986, p. 174-175), estas ânforas são provenientes da área ibero-púnica e, segundo o *titulus pictus* de um exemplar proveniente de Castro Pretorio, serviram para envasar *halex* (CIL, XV, 4730).

Os fragmentos n.ºs 60 e 61 integram-se no tipo Lamboglia 2, uma ânfora tida por alguns investigadores como vinária, proveniente da costa adriática da Península Itálica, tem uma cronologia compreendida entre os finais do século II e os meados do século I a.C.

O fragmento de boca e colo n.º 62 pertence a uma ânfora itálica, vinária, de tipo Dressel 2/4. A sua cronologia está compreendida entre os finais do século I a.C. e os meados do século II d.C., tendo o seu declínio nos finais do século I d.C.

Os fragmentos n.ºs 63 a 67 pertencem a *tegulae*, de bordo rectangular e pasta rosada, muito fina e dura.

Conclusão

Em 138 a.C. Décimo Júnio Bruto veio para o ocidente peninsular como procônsul da Hispânia Ulterior. A sua estratégia de combate aos Lusitanos baseou-se no ataque aos povoados, evitando a guerrilha, e apoiando-se em bases seguras na rectaguarda, que protegessem o reabastecimento.

É dentro desta estratégia que, antes de iniciar a campanha a Norte do Tejo, Júnio Bruto fortifica *Olisipo* e estabelece um acampamento na área da cidade pré-romana de *Moron*. A situação geográfica desta cidade foi descrita por Estrabão (*Geografia*, III, 3,1).

O *ubi* de *Moron* tem de estar localizado num local compatível com a descrição do geógrafo e tem de apresentar materiais significa-

tivos da importância pré-romana de *Moron* que, segundo Estrabão, era uma das duas maiores cidades junto ao Tejo.

Não tendo ainda sido sujeito a escavações arqueológicas, mas apenas a intensas prospecções não sistemáticas, o sítio dos Chões de Alpompe já nos proporcionou os principais conjuntos de ânforas pré-romanas e romanas tardo-republicanas conhecidos no território português, atestando importantes relações comerciais com o Mediterrâneo desde o século VII a.C. até à segunda metade do século I a.C.

A presença de ânforas massaliotas e «jónico-massaliotas», pela primeira vez atestada para o território nacional prende-se naturalmente com a importância comercial dos Chões, embora ainda não nos seja possível conhecer a sua total relevância no conjunto das importações e estabelecer o seu circuito comercial.

Moron não nos surge referido nos textos posteriores a Estrabão, o que é forte indício do seu desaparecimento, num período não necessariamente posterior à época de Augusto, em que Estrabão escreve, mas à de fontes anteriores de que Estrabão se serviu, como de Políbio ou de Artemidoro. Também neste caso o sítio dos Chões de Alpompe apresenta uma cronologia coerente com a sua identificação com *Moron*: os materiais datáveis mais recentes têm o seu início de produção na segunda metade do século I a.C. Possivelmente as causas do abandono dos Chões de Alpompe prendem-se com as guerras civis cesarianas, tendo *Moron* sido preterida pela vizinha *Scallabis* (Santarém) o *Praesidium Iulium*, onde César terá estabelecido um acampamento militar permanente.

Por fim, a existência de *tegulae* nos Chões de Alpompe comprova-nos que o sítio teve construções de tipo romano.

Para concluir, pensamos que as características geomorfológicas dos Chões de Alpompe, a sua extensão e a documentação arqueológica aqui encontrada nos permite a sua atribuição a *Moron* e caracterizá-lo como um povoado indígena muralhado, romanizado e abandonado na época cesarina, apresentando materiais representativos de contactos com o Mediterrâneo, desde o século VII a.C. até à sua extinção. A importância desses materiais implica que o povoado estabelecido nos Chões de Alpompe se tenha comportado como um «lugar central», estando economicamente relacionado com uma vasta área envolvente do vale do Tejo.

CATÁLOGO

- 1 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio extrovertido, espessado, curto e arqueado.
Pasta ocre-rosada, com largo cerne mais acinzentado, branda e fina, com abundantes partículas negras, nódulos ocre e pequenos quartzos hialinos e leitosos.
- 2 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio extrovertido, espessado, curto e arqueado.
Pasta rosa-alaranjada, dura e fina, com partículas negras e abundantes pequenos quartzos hialinos e leitosos.
- 3 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio ligeiramente extrovertido, arqueado e muito curto.
Pasta rosada, branda e fina, com nódulos ocre, partículas negras e abundantes pequenos quartzos hialinos e leitosos.
- 4 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio extrovertido, muito curto, espessado, formando uma pequena aba.
Pasta bicolor, rosa-alaranjada para a superfície externa, ocre-rosada para a interna.
- 5 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio muito curto, espessado e arqueado.
Pasta ocre-alaranjada, branda e fina, com nódulos ocre, partículas negras e abundantes pequenos quartzos.
- 6 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio muito curto, espessado e arqueado.
Pasta ocre-rosada, com cerne mais rosado, branda e fina, com nódulos ocre, calcites, abundantes partículas negras e quartzos.
- 7 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio curto, espessado e bipartido.
Pasta rosada, com o dorso do bordo acinzentado, branda e fina, com pequenos nódulos ocre, partículas negras e abundantes pequenos quartzos hialinos e leitosos.
- 8 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio curto e espessado, de tendência trapezoidal e bipartido na face externa.
Pasta rosada, com o dorso acinzentado, branda e fina, com nódulos ocre, partículas negras e abundantes minúsculos quartzos hialinos.
- 9 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio curto e espessado, de tendência triangular e face exterior ondeada.
Pasta ocre-rosada, com o dorso do bordo acinzentado, branda e fina, com partículas negras e pequenos quartzos.
- 10 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio muito curto, espessado e arqueado.
Pasta acinzentada, muito dura e fina, com partículas negras e abundantes fendas e alvéolos. Superfície exterior revestida com engobe esbranquiçado.

- 11 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio curto e espessado, de tendência trapezoidal e face exterior ondeada.
Pasta rosada, com a superfície externa ocre-rosada, branda e fina, com partículas negras, nódulos ocre e minúsculos quartzos.
- 12 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio curto, espessado e trapezoidal, formando uma minúscula aba.
Pasta alaranjada, com a superfície externa ocre-alaranjada, branda e fina, com partículas negras, nódulos ocre e abundantes minúsculos quartzos.
- 13 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio muito curto, espessado e arqueado.
Pasta ocre-rosada, com a superfície exterior rosada, branda e fina, com partículas negras, minúsculos quartzos e pequenos nódulos ocre.
- 14 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio extrovertido, curto e espessado.
Pasta alaranjada, com largo cerne laranja-rosado, branda e fina, com partículas negras, nódulos ocre e abundantes minúsculos quartzos hialinos.
- 15 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio muito curto e espessado, de tendência trapezoidal, formando uma minúscula aba.
Pasta ocre-rosada, branda e fina, com partículas negras, nódulos ocre e abundantes minúsculos quartzos.
- 16 - (Est. I) Fragmento de boca e bojo de ânfora fenício-púnica.
Lábio introvertido, em aba espessada e oblíqua.
Pasta ocre-alaranjada, dura e fina, com nódulos ocre, partículas negras, calcites e pequenos quartzos.
- 17 - (Est. I) Fragmento de boca e colo de ânfora ibero-púnica, de tipo Pellicer Catalán E.
Lábio de fita, triangular e vertical.
Pasta amarelada, fina e muito branda, com partículas negras, alvéolos abundantes quartzos leitosos.
- 18 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora fenício-púnica.
Lábio introvertido, curto e espessado, de perfil triangular.
Pasta rosa-alaranjada, branda e fina, com nódulos ocre e abundantes partículas negras, quartzos hialinos e leitosos.
- 19 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora ibero-púnica, de tipo Pellicer Catalán E.
Lábio espessado, curto e vertical, diferenciado por um chanfro.
Pasta laranja-clara, muito branda e fina, esponjosa, com inclusões negras. Superfície exterior amarelada.
- 20 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora ibero-púnica, de tipo Pellicer Catalán E.
Lábio extrovertido, em fita pouco saliente. Colo largo.
Pasta creme, fina e branda, de textura folheada, com partículas negras e pequenos nódulos cerâmicos.

- 21 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora massaliota, tipo Bertucchi 5.
Lábio extrovertido, em fita ligeiramente pendente. Colo largo.
Pasta ocre-rosada, compacta, muito fina e branda, com nódulos cerâmicos.
- 22 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora de tipo Maña C la.
Lábio de fita saliente e pendente.
Pasta avermelhada, muito fina e dura, de textura folheada, com minúsculos quartzos e abundantes calcites. Superfícies com vestígios de engobe creme.
- 23 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C la.
Lábio curto, de fita côncava e saliente.
Pasta rosada, porosa, muito fina e dura, de textura folheada, com minúsculos quartzos e abundantes minúsculas calcites. Superfícies amareladas.
- 24 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C la.
Lábio curto, de fita saliente.
Pasta rosa-avermelhada, de textura rugosa, muito dura e fina, com abundantes minúsculas calcites. Superfície externa revestida com um engobe creme-amarelado.
- 25 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C la.
Pasta avermelhada, de textura folheada, dura e fina, com nódulos cerâmicos e abundantes minúsculas calcites. Superfície revestida com um engobe espesso, creme-amarelado.
- 26 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C lb.
Lábio de fita, curto, saliente e côncavo de sobeira pendente.
Pasta rosada, porosa e dura, de textura folheada, com minúsculos quartzos e abundantes calcites. Superfícies amareladas.
- 27 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C la.
Lábio de fita, curto, saliente e côncavo.
Pasta rosada, porosa, dura e fina, de textura folheada, com minúsculos quartzos e abundantes calcites. Superfícies revestidas com engobe amarelado.
- 28 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C la.
Lábio de fita, curto, ligeiramente pendente e côncavo.
Pasta vermelho-rosada, compacta, muito dura e fina, com minúsculas calcites.
- 29 - (Est. II) Fragmento de boca e colo de ânfora ibero-púnica, de tipo Pelicer Catalán B-C 3.
Lábio de fita, saliente, vertical e ligeiramente côncavo.
Pasta amarelada, muito branda e fina, esponjosa, com abundantes minúsculos quartzos e partículas negras.
- 30 - (Est. II) Fragmento de boca, colo e ombros de ânfora massaliota, tipo Bertucchi 1.
Lábio extrovertido, ovalado e saliente, bipartido no terço inferior por um chanfro profundo. Colo curto e cilíndrico.
Pasta ocre-rosada, compacta e arenosa, de pequeno grão, com partículas negras, micas, pequenos nódulos cerâmicos e abundantes quartzos e calcites.

- 31 - (Est. II) Fragmento de boca e colo, com arranque superior de asa de ânfora jónico-massaliota.
Lábio extrovertido, de fita, alto, bipartido e moldurado. Asa de rolo, arrancando da junção do lábio com o colo.
Pasta ocre-rosada, dura e muito fina, com minúsculas calcites e quartzos. Superfície externa bem alisada, superfície interna ondeada.
- 32 - (Est. II) Fragmento de fundo e bojo de ânfora massaliota.
Fundo cilíndrico, curto, de lados côncavos e base convexa.
Pasta rosa-claro, compacta e fina, com inclusões negras, minúsculos quartzos e abundantes minúsculas calcites. Superfície externa revestida com engobe creme - amarelado.
- 33 - (Est. II) Fragmento de fundo e bojo de ânfora ibero-púnica.
Fundo muito curto, saliente, carenado e convexo.
Pasta rosada, compacta e muito fina, com partículas negras, nodulos cerâmicos e minúsculos quartzos. Superfície externa revestida com um engobe amarelo-alaranjado.
- 34 - (Est. II) Fragmento de fundo e bojo de ânfora ibero-púnica.
Fundo muito curto, saliente, carenado e convexo.
Pasta rosa-alaranjada, de textura rugosa, compacta e muito fina, com minúsculos quartzos e calcites. Conserva vestígios de um engobe amarelado a revestir a superfície externa.
- 35 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba bilobada.
Pasta rosada, arenosa e branda, com partículas negras e abundantes quartzos e pequenos nodulos ocres.
- 36 - (Est. III) Fragmento de boca de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba bilobada.
Pasta bicolor, alaranjada no interior e amarelada junto às superfícies, branda e arenosa, com partículas negras, nodulos cerâmicos e abundantes quartzos. Superfícies amareladas.
- 37 - (Est. III) Fragmento de boca de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba trilobada.
Pasta creme-amarelada, muito branda e muito fina, de aspecto esponjoso, com minúsculos quartzos hialinos e leitosos, partículas negras e nodulos cerâmicos.
- 38 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba trilobada muito saliente.
Pasta amarelada, com cerne alaranjado, de aspecto microgranuloso, muito branda e fina, com alvéolos, minúsculos quartzos hialinos, leitosos e rosados, partículas negras e nódulos cerâmicos.
- 39 - (Est. III) Fragmento de boca de ânfora, de tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba trilobada.
Pasta bicolor, alaranjada no interior e amarelada junto às superfícies, compacta, muito branda e muito fina, com partículas negras e pequenos nódulos cerâmicos.

- 40 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba trilobada, pendente e muito saliente.
Pasta alaranjada, muito branda e fina, com minúsculos quartzos, partículas negras e nodulos cerâmicos. Superfícies laranja-amareladas.
- 41 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido, em aba trilobada, pendente e muito saliente.
Pasta amarelada, muito branda e muito fina, de aspecto micro-granuloso, com pequenos alvéolos, partículas negras, minúsculos quartzos hialinos e leitosos.
- 42 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido, em aba bilobada e pendente.
Pasta creme-amarelada, muito branda e muito fina.
- 43 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido, em aba bilobada e pendente.
Pasta amarelada, muito branda e muito fina, de aspecto micro-granuloso, com minúsculos quartzos leitosos e partículas negras.
- 44 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba bilobada.
Pasta rosada, branda e arenosa, com partículas negras, pequenos nódulos cerâmicos e abundantes quartzos. Superfícies ocre-rosadas.
- 45 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba bilobada e pendente.
Pasta rosa-claro, fina e muito branda, de aspecto esponjoso, com partículas negras, nódulos ocre e pequenos quartzos. Superfícies amareladas.
- 46 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido, em aba trilobada e pendente.
Pasta rosada, muito branda e muito fina, com pequenos quartzos rosados, hialinos e leitosos e minúsculas calcites.
- 47 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido, em aba trilobada e pendente.
Pasta amarelada, muito fina e muito branda, de aspecto microgranuloso, com partículas negras e minúsculos quartzos .
- 48 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido, em aba bilobada e pendente.
Pasta amarelada, muito branda e muito fina, de aspecto micro-granuloso, com partículas negras.
- 49 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido, em aba trilobada e pendente.
Pasta acinzentada, de textura micro-granulosa, branda e muito fina, com minúsculos quartzos. Superfícies revestidas com engobe creme-amarelado.
- 50 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido, em aba trilobada e pendente.
Pasta acinzentada, branda e muito fina, de aspecto microgranuloso, com minúsculos quartzos e partículas negras. Superfícies amareladas.

- 51 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido, em aba bilobada, muito saliente e pendente.
Pasta rosa-claro, fina e muito branda, de aspecto esponjoso, com partículas negras, nodulos ocre, pequenos quartzos e fendas abundantes. Superfícies creme-amareladas.
- 52 - (Est. III) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido em aba bilobada e muito pendente.
Pasta creme, fina e muito branda, de aspecto esponjoso, com partículas negras, nódulos ocre e pequenos quartzos.
- 53 - (Est. IV) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, de fita, curto pendente e bilobado.
Pasta ocre-amarelada, muito branda e fina, de aspecto microgranuloso, com fendas, minúsculos quartzos hialinos e leitosos, partículas negras e nódulos cerâmicos.
- 54 - (Est. IV) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba bilobada, pendente e muito saliente.
Pasta creme, muito branda e fina, com partículas negras e abundantes minúsculos quartzos hialinos e leitosos.
- 55 - (Est. IV) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba bilobada e muito saliente.
Pasta ocre-alaranjada, de aspecto microgranuloso, muito branda e fina, com minúsculos quartzos hialinos e leitosos, partículas negras e nódulos cerâmicos.
- 56 - (Est. IV) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba bilobada e muito saliente.
Pasta rosa-alaranjada, branda e muito fina, com minúsculos quartzos, nódulos cerâmicos, partículas negras e abundantes minúsculas calcites. Superfícies amareladas.
- 57 - (Est. IV) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2a.
Lábio extrovertido, em aba bilobada e pendente.
Pasta rosada, branda e muito fina, com minúsculos quartzos, nódulos cerâmicos, partículas negras e abundantes minúsculas calcites. Superfícies amareladas.
- 58 - (Est. IV) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido, em aba bilobada e pendente.
Pasta amarelada, de aspecto microgranuloso, muito branda e fina, com minúsculos quartzos hialinos e leitosos, partículas negras e nódulos cerâmicos.
- 59 - (Est. IV) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Maña C 2b.
Lábio extrovertido, em aba trilobada e pendente.
Pasta amarelada, de aspecto microgranuloso, muito branda e fina, com minúsculos quartzos hialinos e leitosos, partículas negras e nódulos cerâmicos.
- 60 - (Est. IV) Fragmento de boca e colo, com vestígios do arranque superior das asas, de ânfora tipo Lamboglia 2.
Lábio de fita, curto, espesso e saliente.
Pasta rosada, fina, dura e muito sonora, com abundantes nódulos cerâmicos. Superfícies amareladas.

- 61 - (Est. IV) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Lamboglia 2.
Lábio de fita, saliente, externamente bipartido por um chanfro junto ao topo.
Pasta bicolor, rosada para a superfície interna e amarelo-alaranjada para a externa, de textura porosa, muito branda e fina, com partículas negras. Superfícies amarelo-alaranjadas.
- 62 - (Est. V) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Dressel 2/4.
Lábio muito curto, perolado e saliente.
Pasta alaranjada, com largo cerne acinzentado, muito dura, arenosa, de pequeno grão, com fendas largas e abundantes pequenos quartzos hialinos, leitosos e rosados.
- 63 - (Est. V) Fragmento de bordo e corpo de *tegula*.
Bordo estreito, de perfil rectangular.
Pasta creme-rosada, fina e muito dura, com pequenos quartzos, partículas negras e nódulos cerâmicos.
- 64 - (Est. V) Fragmento de bordo e corpo de *tegula*.
Bordo espessado, de perfil rectangular.
Pasta amarelada, friável, de textura folheada, com abundantes alvéolos e nódulos cerâmicos.
- 65 - (Est. V) Fragmento de bordo e corpo de *tegula*.
Bordo estreito, ligeiramente introvertido, de perfil rectangular.
Pasta bicolor, rosada para a superfície superior e amarelo-alaranjada para a inferior, muito dura, fina, com grandes alvéolos, pequenos quartzos hialinos e leitosos, partículas negras e nódulos cerâmicos.
- 66 - (Est. V) Fragmento de bordo e corpo de *tegula*.
Bordo muito espessado, de perfil rectangular.
Pasta ocre-rosada, manchada, muito dura, fina, com pequenos alvéolos, quartzos hialinos e leitosos, partículas negras e nódulos cerâmicos.
- 67 - (Est. V) Fragmento de bordo e corpo de *tegula*.
Bordo espessado, de perfil rectangular e face interna côncava.
Pasta rosada, manchada, muito dura, fina, com pequenos alvéolos, quartzos hialinos e leitosos, partículas negras e nódulos cerâmicos.

| N.º | Diâmetro | Altura | Espessura |
|-----|----------|--------|-----------|
| 1 | 210 | 22 | 17 |
| 2 | 208 | 22 | 16 |
| 3 | 196 | 23 | 17 |
| 4 | 194 | 15 | 23 |
| 5 | 200 | 15 | 20 |
| 6 | 202 | 12 | 20 |
| 7 | 186 | 17 | 16 |
| 8 | 202 | 20 | 20 |
| 9 | 194 | 26 | 21 |
| 10 | 210 | 15 | 20 |
| 11 | - | 20 | 19 |
| 12 | - | 17 | 22 |
| 13 | - | 19 | 16 |
| 14 | - | 18 | 18 |
| 15 | - | 15 | 21 |
| 16 | - | 22 | 17 |
| 17 | - | 26 | 15 |
| 18 | 140 | 19 | 17 |
| 19 | 186 | 29 | 18 |
| 20 | 178 | 26 | 11 |
| 21 | 170 | 35 | 22 |
| 22 | 142 | 32 | 22 |
| 23 | 154 | 29 | 18 |
| 24 | 128 | 26 | 17 |
| 25 | - | 30 | 16 |
| 26 | - | 28 | 22 |
| 27 | - | 29 | 20 |
| 28 | - | 27 | 18 |
| 29 | 130 | 29 | 15 |
| 30 | 151 | 40 | 23 |
| 31 | 172 | 72 | 16 |
| 35 | - | 17 | 25 |

Quadro das medidas dos atributos dos bordos

| N.º | Diâmetro | Altura | Espessura |
|-----|----------|--------|-----------|
| 36 | - | 20 | 26 |
| 37 | - | 18 | - |
| 38 | - | 22 | 26 |
| 39 | - | 24 | - |
| 40 | - | 26 | - |
| 41 | - | 22 | 21 |
| 42 | - | 22 | 24 |
| 43 | - | 20 | 20 |
| 44 | - | 22 | 21 |
| 45 | - | 21 | 25 |
| 46 | - | 22 | 25 |
| 47 | - | 24 | - |
| 48 | - | 23 | 25 |
| 49 | - | 19 | 20 |
| 50 | - | 26 | 28 |
| 51 | - | 19 | 32 |
| 52 | - | 29 | 34 |
| 53 | 256 | 23 | 22 |
| 54 | 230 | 21 | 19 |
| 55 | 243 | 20 | 19 |
| 56 | 250 | 23 | 23 |
| 57 | 220 | 24 | 19 |
| 58 | 237 | 18 | 18 |
| 59 | 247 | 26 | 29 |
| 60 | 187 | 34 | 33 |
| 61 | - | 52 | 31 |
| 62 | 162 | 24 | 26 |

| N.º | Altura | Diâmetro | Espessura |
|-----|--------|----------|-----------|
| 32 | 50 | 65 | 41 |
| 33 | 16 | 37 | 12 |
| 34 | 16 | 38 | 11 |

Quadro das medidas dos atributos dos fundos

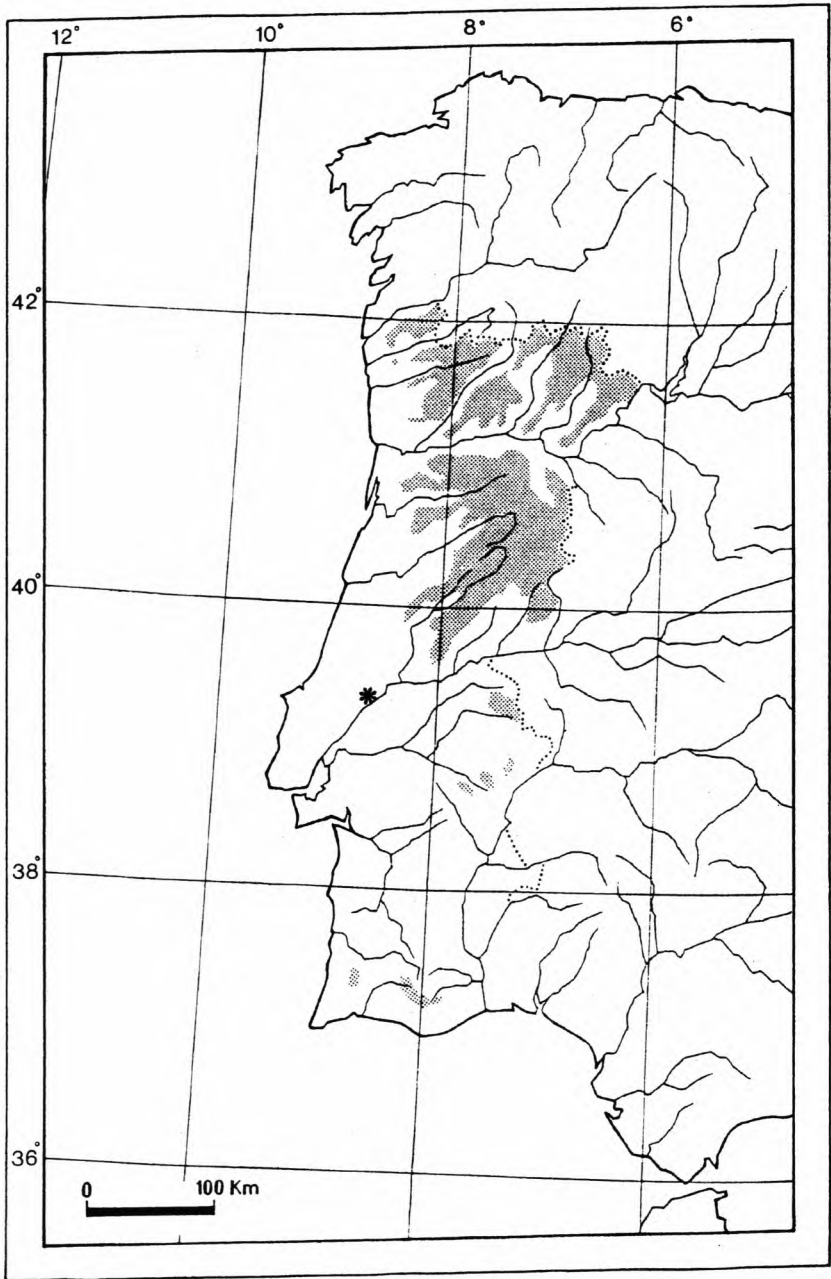
| N.º | Espessura do bordo | Largura do bordo | Espessura do corpo |
|-----|--------------------|------------------|--------------------|
| 63 | 61 | 26 | 25 |
| 64 | 55 | 39 | 25 |
| 65 | 66 | 30 | 22 |
| 66 | 62 | 53 | 32 |
| 67 | 60 | 42 | 33 |

Quadro das medidas dos atributos das *tegulae*

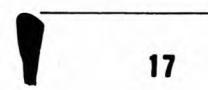
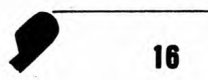
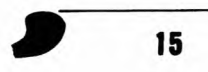
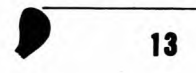
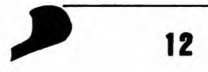
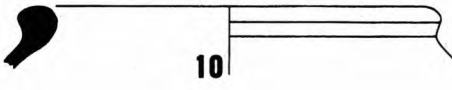
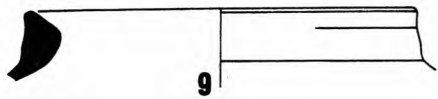
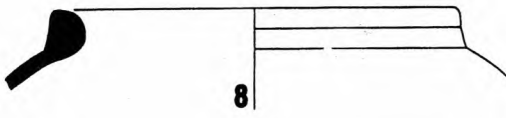
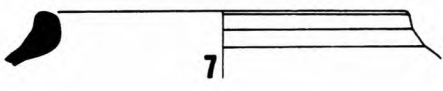
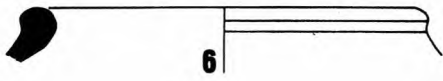
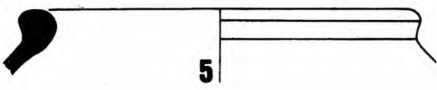
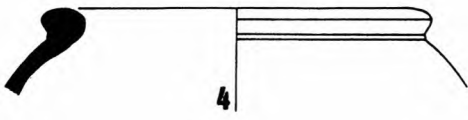
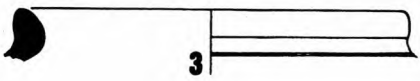
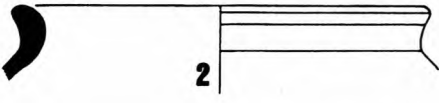
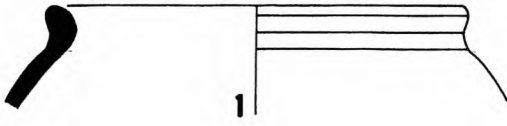
BIBLIOGRAFIA

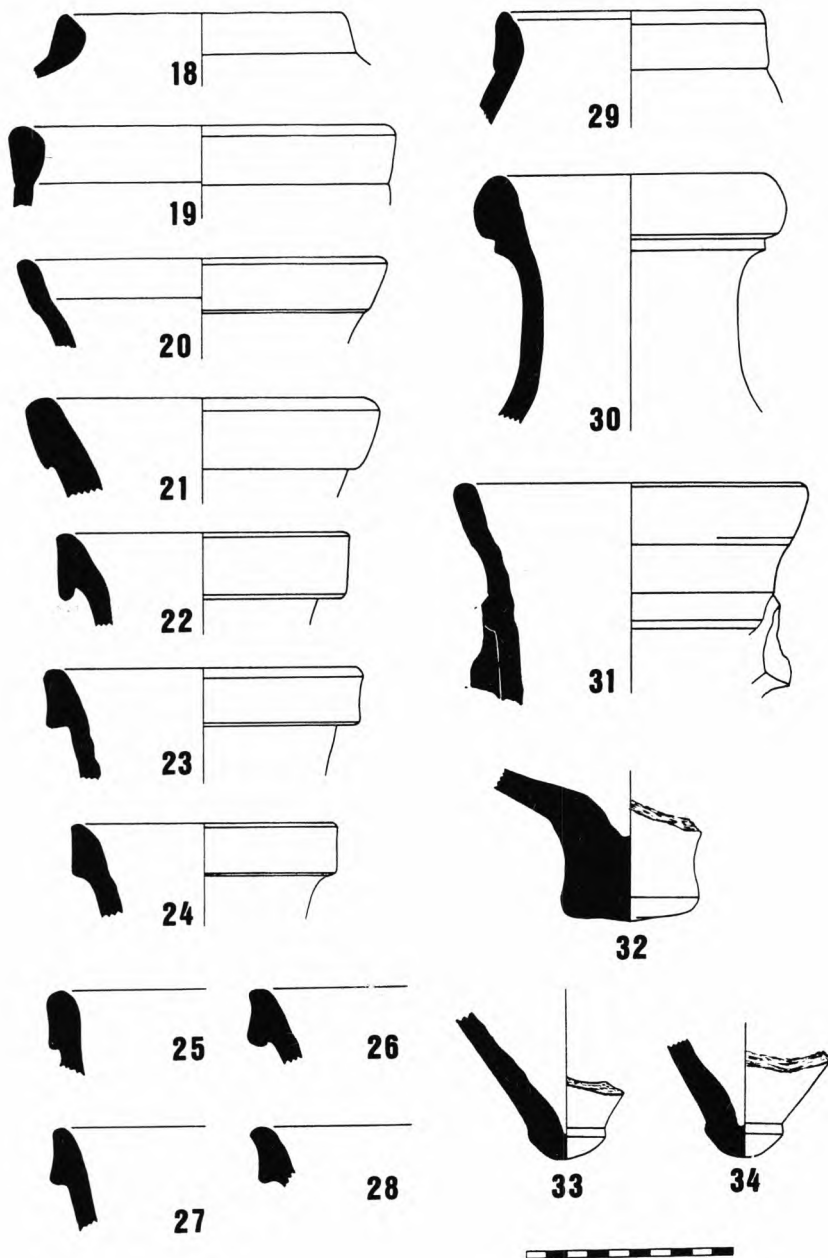
- ALARCÃO, Jorge de, 1988, *Roman Portugal*, Warminster.
- ARAÚJO, A.S. e CARDOSO, J., 1993, *História das Guerras da Ibéria de Apiano*, 2.ª ed., Braga.
- ARTEAGA, Oswalgo, 1985, *Excavaciones arqueológicas en el Cerro del Mar (Campaña de 1982)*, "Noticiario Arqueológico Hispánico", 23, p. 195-233.
- BARATA, José H., 1955, *Santarém e Scalabis. Urna tese revolucionária*, separata de "Vida Ribatejana".
- BATS, Michel (dir.), 1990, "Les amphores de Marseille grecque", (Études Massaliètes, 2), Lattes.
- BELTRÁN LLORIS, M., 1976, *La cerámica del campamento de Cáceres el Viejo (Cáceres)*, "V Congreso de Estudos Extremeños", (Ponencias VII y VIII. Arqueología y Arte Antiguo), Badajoz, p. 1-22.
- CALLU, Jean-Pierre et alii, 1965, *Thamusida. Fouilles du Service des Antiquités du Maroc*, (École Française de Rome. Mélanges d'Archéologie et d'Histoire. Suppléments 2), Paris.
- DIOGO, A.M. Dias, 1982, *A propósito de «Moron». Estudo de alguns documentos provenientes dos Chões de Alpompe (Santarém)*, "Clio", 4, p. 147-152.
- 1993, *Anforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém)*, "Estudos Orientais", 4, p. 215-227.
- DIOGO, A.M. Dias e CATARINO, João (em publicação), *Materiais da Idade do Ferro provenientes dos Chões de Alpompe (Santarém)*, "Actas das II Jornadas Arqueológicas de Viseu".
- DIOGO, A.M. Dias e FARIA, António José, 1985, *Moedas romanas provenientes dos Chões de Alpompe (Santarém)*, "Arqueologia", 11, p. 120-122.
- FABLIÃO, Carlos, 1989, *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho*, Lisboa.
- GARCIA, José Manuel, 1977, *Em torno de Scallabis*, "Santarém. A Cidade e os Homens", Santarém, p. 65-11.

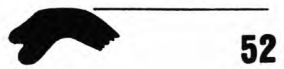
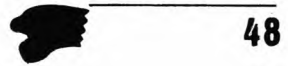
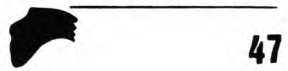
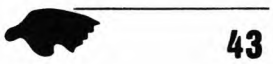
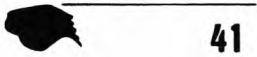
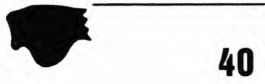
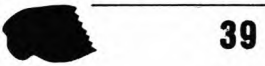
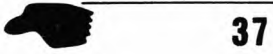
- GIRÃO, A. de Amorim e OLEIRO, J.M. Bairrão, 1953, *Geografia e campos fortificados*, “Boletim do Centro de Estudos Geográficos”, 6/7, p. 73-80.
- GUERRERO AYUSO, Victor M., 1986, *Una aportación al estudio de las ánforas púnicas* “Maña C”, “Archaeonautica”, 6, p. 147-186.
- KALB, Philine e HÖCK, Martin, 1988, *Moron*, “Conimbriga”, 27, p. 189-201.
- KEAY, S.J., 1984, *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study: the Catalan evidence*, (BAR International Series, 196), Oxford.
- LAMBOGLIA, N., 1955, *Sulla cronologia delle anfore romane di età repubblicana (II-I secolo a.C.)*, “Rivista di Studi Liguri”, XXI, 3-4, p. 241-270.
- MAÑA, J. Ma ., 1951, *Sobre tipología de ánforas púnicas*, “VI Congreso de Arqueología del Sudeste Español (Alcoy, 1950)”, Cartagena, p. 203-210.
- OLEIRO, J.M. Bairrão, 1955, JOSÉ H. BARATA, “*Santarém e Scalabis*”. (Urna tese revolucionária), separata de «*Vida Ribatejana*», 1955, separata do “Boletim do Centro de Estudos Geográficos”, 10 e 11.
- PEACOCK, D.P.S. e WILLIAMS, D.F., 1986, *Amphorae and the Roman economy. An introductory guide*, Longman, Londres e Nova York.
- PELLICER CATALÁN, M., 1978, *Tipología e cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir, según el Cerro Macareno* (Sevilla), “Habis”, 9, p. 365-4 00.
- PELLICER CATALÁN, M., ESCACENA CARRASCO, J.L. e BENDALA CATALÁN, M., 1983, *El Cerro Macareno*, (“Excavaciones Arqueológicas en España”, 124), Madrid.
- RAMÓN, J., 1981, *Ibiza y la circulación de ánforas fenicias y púnicas en el Mediterráneo occidental*, (“Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza”, 5), Ibiza.
- 1991, *Las ánforas púnicas de Ibiza*, (“Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza”, 23), Ibiza.
- RIBERA LACOMBA, Albert, 1982, *Las ánforas prerromanas valencianas (Fenicias, ibéricas y púnicas)*, (“Serie de Trabajos Varios”, 73), València.
- SCIALLANO, M. e SIBELLA, P., 1991, *Amphores. Comment les identifier?*, Edisud, Aix-en-Provence.
- SLASKA, Malgorzata, 1990, *Le anfore massaliote in Etruria meridionale*, “Les amphores de Marseille grecque”, (Études Massaliètes, 2), p. 223-233 .
- ZBYSZEWSKI, G., FERREIRA, O. da Veiga e SANTOS, M.C., 1968, *Acerca do campo fortificado de «Chões» de Alpompe (Santarém)*, “O Arqueólogo Português”, sér. Ili, vol. II, p. 49-59.



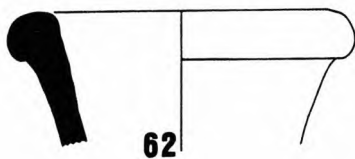
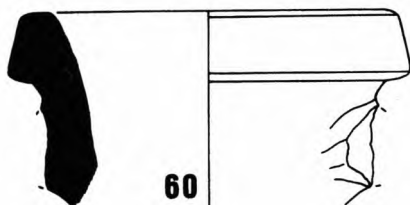
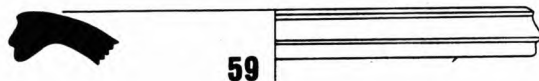
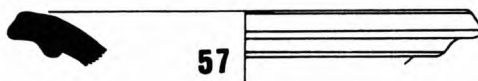
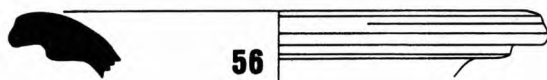
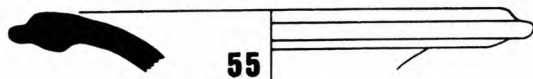
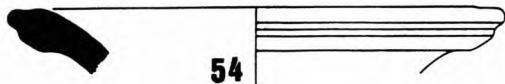
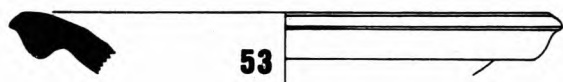
MAPA 1 - Localização geral dos Chões de Alpompe







EST. IV





63



65



64



66



67